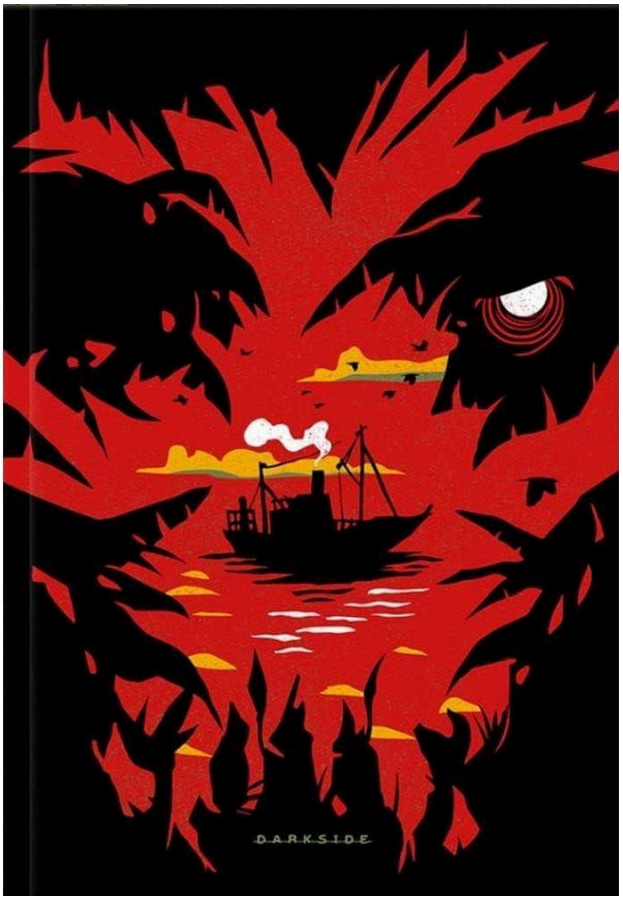
Coração das Trevas, uma descrição densa do colonialismo belga

Vinícius Venancio
Universidade de Leipzig | Leipzig, Alemanha
vini.venancio2@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v34i1pe227422



Conrad, Joseph. 2021. *O Coração das Trevas*. Tradução: Paulo Raviere. Rio de Janeiro: Editora DarkSide. 175 pp.

Em seu texto que se tornou leitura incontornável nos cursos de teoria das humanidades, Umberto Eco (2007) nos direciona a refletir não só o porquê de ler os clássicos, mas, sobretudo, o que faz um clássico, clássico. Entre algumas das características elencadas pelo autor, estão o diálogo profícuo com o presente; o fato de que novas (re)leituras sempre nos apresentam elementos novos; e, também, o poder de reverberar em diferentes searas da vida, assim como em outros clássicos.

Sem dúvidas, esse é o caso de *O Coração das Trevas,* livro de Joseph Conrad, publicado originalmente em 1899 em três partes na *Blackwood's Magazine*. Não à toa, novas traduções seguem sendo feitas, trazendo renovadas interpretações sobre o texto original. Aqui, apresento uma resenha a partir da publicação de 2021, pela editora Darkside, com tradução de Paulo Raviere. A obra é antecedida pela introdução do tradutor, que situa o autor, seu texto e a recepção dele historicamente, assim como é precedida por um ensaio escrito por Virginia Wolf e um posfácio de Carlos da Silva Jr.

O livro é uma narrativa em primeira pessoa feita pelo Capitão Marlow a novos colegas sobre quando ele foi resgatar Kurtz, comerciante de marfim que vivia no "coração do Congo". Kurtz é o homem a quem todos invejam, todos temem e todos querem ser, descrito na obra de Conrad como um homem de 'método doentio', o explorador que foi o mais longe que pode – e mais longe do que era concebível pela maioria dos colonos, que "pilhou a região" (: 102). Sua sede por pilhagem era tamanha que "vocês pensariam que, em todo o território, não restava uma única presa de elefante em cima ou debaixo da terra" (: 90). Naquela área, tudo, do marfim à terra, pertenceria a ele. Todavia, como contrapartida ao voraz saqueamento, a "selva" teria tomado conta dele, produzindo, em seu âmago, "uma terrível vingança pela fantástica invasão" (: 104).

Dividido em três partes, o livro se estrutura da seguinte forma: na primeira, Marlow narra a sua saída de Londres e a chegada no Congo, traçando suas primeiras impressões sobre o local e as pessoas que lá viviam. Na segunda, ele narra o trajeto até a zona no coração do Congo, onde Kurt habitava. A última parte apresenta de forma mais intensa o encontro dos dois, a morte e os desdobramentos da morte de Kurt, encontrado aos farrapos, física e emocionalmente. Assim como na atmosfera do Congo, no livro também "a palavra 'marfim' ecoava no ar, era sussurrada, suspirada" (: 53).

Aqui, meu intuito é mostrar como a obra de Conrad nos ajuda a compreender o colonialismo belga no Congo; assim como, por outro lado, contribui, também, para reforçar estereótipos racialmente orientados sobre as populações que residiam naquela região. De partida, seja pela introdução de Paulo Raviere, ou em função do *Diário do Congo*, anexo que retrata os dias de Conrad em solo centro-africano, é possível perceber como a vida do personagem-narrador principal, Marlow, e do criador se encontram.

Assim como Marlow, Joseph Conrad também foi um colono estrangeiro que decidiu seguir para o mundo centro-africano junto à companhia belga que realizava tal exploração. Descrito pelo tradutor como "a maior propriedade privada da história" (: 17), o Congo – então Congo Belga –, é marcado por uma história de genocídio e pilhagens por parte desta nação europeia (Hochschild, 1999).

Figura 01 - *La Civilisation au Congo*, Edouard Manduau (1884). Musée Royal de l'Afrique Centrale, Tervuren, Bélgica. Foto do autor (2024)[1].

Contudo, para bem compreender antropologicamente a descrição literária feita por Conrad, acredito que a leitura do Posfácio, de Carlos da Silva Jr., intitulado *Para Nunca Esquecer*, anteceda os nossos esforços. Nele, o historiador começa traçando um paralelo com o movimento estadunidense *#BlackLivesMatter*, que globaliza a discussão sobre a violência policial antinegra – muito embora ela já estivesse presente em diversos outros contextos, como Brasil, França, Nigéria e África do Sul –, para então pontuar a efervescência de manifestações ao Sul e ao Norte do Globo nos anos 2010, que contestavam a memória colonial e seus ícones, tendo Leopoldo II da Bélgica sido uma das figuras alvo dessa contestação.

O autor aponta, ainda, que "Leopoldo II, a pretexto de 'civilizar' os habitantes do Congo, impôs um dos regimes coloniais europeus mais brutais na África", sendo que "o rei

[1] A reabertura do Museu Real da África Central, em 2018, ocorreu com sérias críticas por parte de pesquisadores e ativistas, movimento que contribuiu para fornecer um novo tom ao museu (van Beurden, Gondola & Lacaille, 2023). Da glorificação do passado colonial belga, o espaço passou a apresentar o lastro de violência perpetrado pela sua monarquia – e governo – na África Central. Contudo, a violência belga parece, ali, ser coisa do passado, enquanto o seu chocolate mundialmente famoso é produzido a partir do cacau extraído – de forma análoga à escravidão – do Congo.

belga não se constrangia em fazer uso sistemático do trabalho forçado africano" (: 164). Um dos principais elementos que contribuiu para desvelar a brutalidade colonial perpetrada no Congo pelos agentes leopoldinos foi o livro *Coração das Trevas*. Ou seja, por detrás do "ímpeto" civilizador, estava o desejo por extermínio – como bem explicita a obra *La Civilization au Congo*, de Manduau.

No Congo, compreendido como propriedade particular de Leopoldo II, diferentes formas de coerção e trabalho forçado ocorriam, assim como os atos de resistência[2] eram reprimidos com brutalidade – embora o último não ganhe destaque na obra de Conrad. Por outro lado, o rastro de sangue deixado por Leopoldo II é, sem dúvidas, a razão do título dado por Conrad e elemento que transversaliza a obra, deixando evidente o genocídio promovido pelos belgas, assim como a produção de pessoas com deficiência, que ocorria a partir da amputação de membros daquelas que não cumprissem com as cotas de produtividade.

Assim, cabe – finalmente – adentrar nos detalhes do livro. A obra, narrada em primeira pessoa pelo marinheiro britânico Charles Marlow, começa nos fins do século XX ainda na Inglaterra, quando ele estava em vias de traçar seu caminho para o "túmulo do homem branco" – termo usado para se referir ao continente africano naquele período. Naquele território a ser "conquistado" e "explorado" por homens europeus, "a morte e o comércio avançavam e andavam de mãos dadas" (:41), de modo que os homens morriam tão depressa que o translado de seus corpos para a Europa era inviável.

Por essa razão, a figura do médico que faria uma espécie de exame admissional a Marlow é tão instigante: ele, muito interessado nos efeitos psicológicos que o colonialismo causaria nos colonos, nunca tivera a "sorte" de vê-los regressarem. Por essa e outras razões, fizera questão de aconselhar o marinheiro de que "nos trópicos, acima de tudo, é preciso manter a calma" (: 48). Essa cena, talvez, caracterize um dos (muitos) incômodos que Chinua Achebe (1977), intelectual nigeriano, apresentou face à obra de Conrad: como o sofrimento e os danos psíquicos causados pelo colonialismo e suas violências sejam representados, sobretudo, nos corpos brancos.[3]

Por outro lado, enquanto narra a subida de Marlow no Rio Congo rumo à residência do Sr. Kurtz, Conrad afirma que, ali, tudo

> era apenas roubo com violência, assassinato com agravantes numa escala gigantesca, e homens cometendo-o cegamente - assim como é muito próprio àqueles que encaram as trevas. A conquista da terra, o que na maioria das vezes significa tomá-la daqueles que têm compleição

[2] Em um sentido similar ao apresentado por James Scott (1985) em seu clássico *The weapons of the week*, Silva Jr. aponta que "essa resistência tomava diferentes formas: fazer uso do conhecimento botânico para fingir enfermidades, danificar os instrumentos de trabalho, envenenar os senhores, enfim, todo o repertório que estivesse à disposição" (: 167).

[3] Enquanto as alterações mentais dos indivíduos brancos junto ao colonialismo tornaram-se uma preocupação em diferentes circuitos europeus, é Fanon (2008), em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, que será um dos pioneiros, meio século depois, na compreensão dos impactos psicológicos do colonialismo junto às populações não-brancas.

> diferente ou narizes levemente mais achatados que o nosso, não é algo bonito quando se olha demais para ela (: 30).

As trevas, então, não são o desconhecido da "África Negra", mas as ações perpetradas pelos colonos brancos em seu território. Ou seja, mesmo que o objetivo de tais missões fosse o de "apartar aqueles milhões de ignorantes de seus costumes horrendos" (: 48) por meio da instituição belga Sociedade Internacional de Supressão dos Costumes Selvagens – reificando o *fardo do homem branco* –; no fim das contas, quem produzia as trevas e agia com incivilidade eram os brancos. As trevas produzidas pelos colonialismos europeus geraram, em África e alhures, diferentes zonas limiares – ou como descrito por Fanon (2008: 26), zonas do não-ser, nas quais a humanidade e a subjetividade das populações negras são pouco tangíveis.

A chegada de Marlow ao Congo exemplifica esse cenário, quando o narrador-personagem afirma que em seu primeiro contato com "africanos", eles estavam nus e seus ossos à mostra; "cada um tinha uma coleira de ferro no pescoço, e estavam todos unidos por uma corrente cujos elos balançavam entre si, tinindo ritmicamente" (: 43). As pessoas, ali desprovidas de humanidades, eram dotadas de uma "indiferença completa e mortal dos selvagens" (: 43).

Tal descrição coaduna com a ideia proposta por Mbembe (2018) de necropolítica, regime político de produção de genocídios e da morte em vida. Outra passagem, duas páginas à frente desta, reforça a conexão que aqui faço: "Estavam morrendo devagar - ficou muito claro. Não eram inimigos, não eram criminosos, não eram nada terrenos agora - nada além de sombras negras de moléstia e indigência". O que temos aqui é um cenário de, sob o jugo colonial belga, "nativos" serem obrigados a seguir o regime de trabalho forçado, sendo "trazidos de todos os recessos da costa com toda a legalidade dos contratos temporários" (: 45), ou seja, com o aval do Estado, recebendo o pagamento mensal de três fios de cobre de 20 cm cada, que eram usados como moeda para comprar provisão.

Embora a produção da desumanidade das populações negro-africanas fosse uma constante ali, ela não ocorria sem tensões.

> A Terra não parecia terrena. Estamos acostumados a olhar por cima da forma agrilhoada de um monstro dominado, mas lá., lá era possível observar uma coisa livre e monstruosa. Não era terrena, e os homens eram... Não, não eram inumanos. Bem, sabem, isso era o pior — a suspeita de que não eram inumanos. Ela ocorria devagar. Eles uivavam e saltavam, e giravam, e faziam caretas horrendas; mas o que assustava era simplesmente pensar na humanidade que tinham — como a de vocês — pensar no remoto parentesco que temos com esse alvoroço selvagem e passional. Feio. Sim, era feio o bastante (: 72).

Assim, o medo de perceber a proximidade entre o Nós, brancos europeus, e os Outros, negros africanos, agia de forma a intensificar as distâncias e reificar a desumanização dos últimos.

Contudo, embora a obra seja conhecida por produzir algum nível de inversão das hierarquias raciais e civilizacionais, tal postura não impediu a reprodução de tropos racistas por parte do autor. Uma vez que não fica explícito o que é a vivência do autor e o que é ficção, as descrições racistas, que reificam estereótipos raciais, estão salpicadas ao longo da obra, como nos trechos "um belicoso bando de pretos carrancudos com os pés feridos" (: 63), "com narinas ferozes" (: 78), "o tolo mais instável que já conheci" (: 84) e "o idiota do negro" (: 86); assim como a desumanização das línguas ali faladas, como no trecho "e periodicamente gritavam juntos sequências de palavras impressionantes que não se pareciam com nenhum som de linguagem humana" (: 117).

A impossibilidade de separação do que é o autor e o que é o eu-lírico é reforçada quando chegamos aos *Diários do Congo*, escritos por Conrad em sua incursão ao Congo. No excerto da sexta-feira, 4 de julho, por exemplo, a morte e o racismo antinegro estão tão explícitos quanto n'O Coração das Trevas. Cito:

> Vi outro cadáver jazendo ao lado da trilha numa posição de repouso meditativo. – À noite 3 mulheres, dentre as quais uma albina, passaram pelo nosso acampamento – Branco de gesso horrendo com pústulas rosadas. Olhos vermelhos. Cabelos Vermelhos. Traços muito negroides e feios (: 140).

Padrões descritivos como os acima seguem ao decorrer do livro. No que diz respeito à descrição dos comportamentos, tropos similares surgem, como quando as ações de um dos "africanos" são apresentadas como algo que rememorava a "cavalos sem rédeas" (: 85) e a ideia de que o gerente colonial permitia que seu assistente, "um jovem negro da costa que comia demais - tratasse os brancos, bem debaixo de seus olhos, com provocações insolentes" (52). De modo similar, há a acentuação da "negrura", como em um dos momentos que antecederam a morte de Kurtz, quando o narrador afirma que "uma figura negra se levantou, caminhou com pernas negras e compridas, balançando braços negros e compridos, do outro lado do clarão. Usava chifres – de antílope, imagino – na cabeça. Algum feiticeiro, algum bruxo, sem dúvida; parecia diabólico o bastante" (: 115). Por outro lado, há também a reprodução, a partir de Kurtz, do tropo do bom selvagem, que não faria o que faria – como atacar o navio de Marlow – por maldade.

A todo momento, a ideia de que o Congo e suas populações representavam o passado da humanidade é acionada. Seja ao dizer que "subir aquele rio era como viajar de volta aos primórdios do mundo, quando a vegetação abundava na terra, e as grandes árvores reinavam" (:69); ou pela afirmação de que, ao entrarem em contato com pessoas africanas no trajeto de subida do rio, não seria possível dizer se "o homem pré-histórico estava nos amaldiçoando, rezando para nós, nos dando boas-vindas - quem poderia dizer?" (: 72).

Curiosamente, enquanto diferentes mulheres brancas aparecem – e são interlocutoras de Marlow – em terras europeias, uma vez que a *aventura colonial* não era vista como algo permitido para mulheres brancas; a primeira – e única – mulher do Congo

só aparecerá na página 108. Sem nome, é descrita ora como "selvagem e atraente", ora como "selvagem e soberba" (: 108), imagens de controle comuns às mulheres negras – e especialmente às africanas.

Ao mostrar a produção cotidiana do colonialismo belga nos fins do século XIX, Conrad lança à sede de dominação e expropriação que caracteriza esse momento – e as décadas a seguir. A mesma pilhagem descrita por Conrad, que ocorre em meio à produção da miséria, também é apresentada por Michel Leiris (2008) como elemento central da viagem etnográfica Dacar-Djibouti. Nela, assim como os colonos subordinados às empresas coloniais belgas, os antropólogos e seus assistentes iam pilhando, à preço de banana, peças rituais e do cotidiano das comunidades por onde eles passavam.

O fim do livro, o que, com certeza, dá a ele a sua face clássica, mostra como o horror, as trevas produzidas pela violência colonial belga no Congo, tornou aqueles homens (brancos) cúmplices uns dos outros. Para Marlow, ninguém que não tivesse vivido o que eles viveram poderia conceber os horrores ali vislumbrados. Não à toa, as últimas palavras *premortem* de Kurtz foram "O horror! O horror!" (: 121). Por essa razão, mentir para a mulher amada que Kurtz deixara, dizendo a ela que a última palavra dita pelo comerciante (ou melhor, pilhador) fora o nome dela, era o único caminho possível. Ela não entenderia porque, como afirmado por Kurtz, "pois eu tinha certeza de que era impossível que soubessem das coisas que sei" (: 123) sobre "o coração das trevas imensas" (131).

Ainda, fato interessante que acompanha os eventos *post mortem* de Kurtz é o comprometimento de Marlow para entregar os seus pertences aos destinatários, assim como o incessante cerco promovido pela Companhia Colonial para ter acesso aos documentos de Kurtz, visto que ela "detinha os direitos a cada informação a respeito de seus 'territórios'" (: 123) – promovendo, assim, um controle total dos bens, pessoas e informações que circulavam/eram extraídos do Congo Belga.

Embora a obra de Conrad tenha contribuído para lançar luz às violências que eram perpetradas no Congo, ela sequer alcança o tamanho do estrago promovido durante o regime de Leopoldo II. Como apontado por Silva Jr., "o pesquisador Adam Hochschild oferece uma das cifras mais impressionantes: aproximadamente 10 milhões de pessoas pereceram durante o [período]" (: 168), número similar ao do tráfico transatlântico de escravizados. Assim, não seria em vão denominar que, de forma similar ao feito pelos alemães com os Herero da Namíbia, ocorreu, no Congo, um genocídio pelas mãos belgas.

Somente em 1908, quase uma década após a publicação original de *Coração das Trevas,* após pressões internacionais (europeias) – no discurso contrárias à violência perpetrada por Leopoldo II, na prática intentando auferir lucros na exploração da região – forças internacionais destituíram Leopoldo II do controle do Congo, dando início ao colonialismo *stricto senso* com a anexação do território congolês à Bélgica.

Apesar de toda a violência ali perpetrada, o governo belga deu início, anos depois, a uma ação de "amnésia coletiva", nos termos de Vantemsche (: 169), sobre a violência colonial perpetrada sob o jugo de Leopoldo II. Tal amnésia não é sintomática apenas do universo belga, mas como enfatiza Silva Jr., já que "em suma, Leopoldo não fizera nada diferente das outras nações europeias, portanto não havia do que se envergonhar nem se desculpar" (: 169). Portugal, por exemplo, fez uso do trabalho forçado em suas colônias

africanas até meados do séc. XX (Monteiro 2019) e segue, até hoje, sem reparar suas vítimas.

Por essa razão, a nova versão de *Coração das Trevas* não poderia chegar em um melhor momento: eclodem pelo mundo demandas por reparação pelas violências coloniais perpetradas pelas metrópoles europeias, que incluem os pedidos de devolução de objetos musealizados que chegaram à Europa por meio do saque e pilhagem (van Beurden, Gondola & Lacaille, 2023) – como os movimentos descritos por Conrad. Tendo esse cenário em mente, assim como o fato de que a minha expertise é na discussão antropológica, meu intuito, aqui, não é traçar uma análise literária da obra, mas sim de apresentar a importância de sua leitura para a Antropologia.[4]

Apesar de críticas importantes como a feita por Achebe (1977) sobre a persistência de tropos racistas na obra de Conrad, a sua leitura crítica deve ser feita por ele conseguir ir além do que foi feito pelos clássicos da nossa disciplina que produziram suas obras durante o auge do colonialismo: mostrar o dia-a-dia da violência colonial para além da descrição das estruturas sociais. Ler o *Coração das Trevas* como exercício antropológico[5] é compreender, que na verdade, as trevas são tudo aquilo que o colonialismo produziu e deixou de legado.

Referências

Achebe, Chinua. "An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'" *Massachusetts Review*. 18. 1977.

Calvino, Italo. 2007. *Por que ler os clássicos*? São Paulo: Companhia das Letras.

Conrad, Joseph. 2021. *O Coração das Trevas*. Tradução: Paulo Raviere. Rio de Janeiro: Editora DarkSide. 175pp.

Fanon, Frantz. 2008. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.

Hochschild, Adam. *King Leopold's ghost: a story of greed, terror, and heroism in colonial Africa*. Boston: Houghton Mifflin, 1999.

Leiris, Michel. 2008. *A África fantasma*. São Paulo: Cosac Naify.

Mbembe, Achille. 2018. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.* São Paulo: n-1 edições.

Monteiro, José Pedro Pinto. 2019. *Portugal e a questão do trabalho forçado*. Lisboa: Leya.

[4] Apesar de campos disciplinares com objetivos e formulações distintas, o diálogo entre Antropologia (ou das Ciências Sociais como um todo) e Literatura tem se mostrado bastante profícuo. Em solo brasileiro, as obras literárias têm se mostrado um campo de análise antropológica primoroso, seja por artigos como o de Valentina Pompermaier (2021), que parte do livro *As Alegrias da Maternidade*, da escritora e socióloga nigeriana Buchi Emecheta para compreender as relações de gênero e parentesco da sociedade Igbo no auge do colonialismo britânico; seja por trabalhos como o de Rossi (2009), que parte dos escritos de Jorge Amado para compreender as relações raciais no Brasil.

[5] A leitura de *Coração das Trevas* vem sendo adotada como obrigatória em diferentes universidades, como nas disciplinas de Debates Contemporâneos em Antropologia Social, ofertada por Omar Ribeiro Thomaz no PPGAS/Unicamp no 1/2024, e de Teoria Antropológica 1, ofertada por Soraya Fleischer na graduação em Ciências Sociais da UnB no 1/2020.

Pompermaier, Valentina Calado. 2021. "Diálogos possíveis entre teoria e ficção: o parentesco em As Alegrias da Maternidade". *Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 13, n. 1, p. 193-216.

Rossi, Luiz Gustavo Freitas. 2009. *As Cores da Revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*. Annablume/Fapesp/PPGAS Unicamp. 1°. ed. São Paulo: Annablume Editora/FAPESP. 136p.

Scott, James C. 1985. *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven: Yale University Press.

Van Beurden, Sarah, Gondola, Didier & Lacaille, Agnès (orgs). *(Re)Making Collections: Origins, trajectories & reconnections / La fabrique des collections: origines, trajectoires & reconnexions*, Tervuren: Royal Museum for Central Africa, 2023.

Sobre o resenhista

Vinícius Venancio
Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e Postdoctoral Fellow no Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Leipzig. Integra aComissão Editorial de Periódicos Científicos da Associação Brasileira de Antropologia.

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Durante a produção deste texto, o autor era bolsista de pós-doutorado do Max Planck Institute for Social Anthropology.

Recebido em 29/07/2024
Aprovado para publicação em 28/05/2025